

A OLIVEIRA.

JORNAL D'INSTRUCCÃO RECREIO, NOTICIAS E ANNUNCIOS.

ASSIGNATURA, (paga adiantada) por tres mezes, ou 24 numeros 480 reis. com estampilha 600 reis. — Folha avulso 30 reis. — ANNUNCIOS 30 reis por linha, repetição 20 reis. — Publicações Litterarias gratis. PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

EXPEDIENTE.

Tenho, como prometti no n.º 3 deste jornal, diligenciado obter a collaboração d'alguns escriptores, tanto desta Cidade, como de fora. Alguns ha que tem escutado o meu pedido, com toda a benevolencia, enviando-me os seus escriptos. D'outros confiado espero a sua cooperacão, para que este jornal possa tomar aquellas proporções, que os meus desejos demandão.

Porisso é do meu dever testemunhar aqui o meu reconhecimento áquelles Ill.^{mos} Srs., que tão francamente acceptarão o meu pedido, e responderão a elle.

Acceptem, pois, os Ill.^{mos} Srs. dr. *Clemente José de Mello, Plácido José Teixeira Guimarães, Pedro José da Conceição e José T.º Guimarães*, a minha eterna gratidão, e os protestos de que conservarei indelevel na memoria, um tão distincto obsequio.

Igualmente dirijo o meu reconhecimento ás illustres redacções dos jornaes — O Purgatorio, — O Viannense, — O Conimbricense, — A Razão, — A Primavera, — A Voz do Alemtejo, — O Bejense, — O Viriato, — O Barcelense, — O Indedente, — pela espontanea troca das suas folhas.

Delfim José Monteiro Guimarães Junior.

A MÃE E A FILHA.

(Fragmento de um romance)

L.

Quantas lagrimas se vertem no centro de uma casa, cujas quatro paredes mal abrigam o corpo, e deixam sahir os gemidos tristes e afflictivos das victimas que esta encerra! Muitas lagrimas se vertem, sem haver esperanca que as estanque, nem lenitivo que lhes faça cessar o curso!

E entretanto o mundo ri, folga e embriaga-se em prazeres ephemeros, em quanto a viuva sexagenaria, a donzella a quem o pudór não deixa mendigar, se estorce na dôr da agonja, que é a dôr da desesperacão, do martyrio e do soffrimento!

Em quanto o pobre, cantando versos baldos de senso-commun, mendiga o óbolo que lhe lança, orgulhoso;

o transeunte; em quanto aquelle ri e folga, chegada a noite, em que vae ao albergue contar o cabedal que juntara durante o dia, ha pobres mais sympathicos, que o deveriam ser, para nós, corações rebeldes ao sentimento, que passam um dia e outro, sem que tenham com que se alimentar, descrendo de tudo e de todos, e entregando-se á desesperanca, quando a resignação e a crenga na religião do Christo, seria o unico balsamo que podesse dar lenitivo a tantos soffrimentos cá na vida, em quanto não fossem, na outra, receber o premio destinado á virtude e á dedicacão.

Tudo isto vem para esboçar uma scenã, que faz parte de um grande drama de soffrimentos, da qual o mundo não pôde ser espectador, porque o palco era invisivel ás vistas profanas, e os actores, exangues pela fome e descrentes pela miseria, em que viveram durante alguns annos, quasi mudos.

Se o leitor que me lê não tem coração para sentir; se não acredita nas dores que muitos soffrem, esquecidos inteiramente do mundo em que vivem, largue a folha, e não escarneça, pela razão de viver na abundancia.

II.

No que vamos escrever não somos inventores.

Ha passagens escriptas com o sangue das proprias victimas, que seria um sacrilegio transfermar, inverter, para as actariar com as galas do estylo, quando ellas, contadas singelamente, devem ter mais acceptação, por que são, relativamente, mais veridicas.

Passamos, copiando para a imprensa, estes capitulos a limpo, para sahirem das trevas em que jaziam, mostrando que muita gente perece á mingua, por não ter a coragem e a resignação precisas, para poderem mendigar o óbolo da caridade publica.

III.

Vamos conduzir o leitor, distante uma légua ao sul do Porto. Embarquemos na Porta Nobre, e saltemos em terra do outro lado, ao sopé de uma cruz que, no lugar do desembarque, lá se acha collocada.

Caminhemos pela rua Direita, de Villa Nova. Chegamos.

E' aqui o numero 7. E' uma casa meia-arruinada, de um andar, que um sectario de Malchus, graças ainda assim, á sua generosidade, concede por baixo e insignificante preço aos pobres locatarios que nella habitam.

Ainda ha homens *phylantropicos*, que se condoem da humanidade afflicta.

Entra, mas tem cuidado, leitor, que não vas rolar pelas escadas, esbarrando-te ca em baixo, no patamar de

pedra. Espera, apalpa, vae subindo; não se distingue cousa alguma no meio desta escuridão. e contudo são 4 horas da tarde de um lindo dia de primavera! Só se ouvem de espaço a espaço gemidos e soluços que dilaceram a alma, de gente que soffre. e alguns monasyllabos que denunciam a fraqueza e debilidade de quem os profere.

Cã fora tanta luz, tanta vida, tanto movimento: lá dentro, raquellas quatro paredes, as trevas, a inanição, e, quem sabe, talvez o silencio do tumulto!

Que é isto?

Vaes ouvir. Escuta:

— Que tem, minha mãe? — ouviu-se interrogar numa voz meia-sufocada, mas que ainda assim se distinguia ser de mulher moça.

— O que tenho, filha? Não sabes o que tenho? Sempre os mesmos soffrimentos... sempre a mesma afflicção, até que Deus se lembre de me levar desta para melhor vida!...

Esta voz, que se ouvia distinctamente, grave, sonora e compassada, mostrava ser de mulher já avançada em idade.

— Soeque, minha mãe. Deus que nos tem ainda cá neste mundo, é porque não somos dignas de que se nos alliviem com a morte as penas que soffremos. Soffremos juntas, minha mãe; soffreremos juntas, e juntas também havemos de morrer abraçadas uma a outra.

E os osculos succederam-se a estas últimas palavras.

Eram duas victimas do infortunio abraçadas na cruz do Christo, e esperanças na sua misericordia.

— Eu saio á noite, minha mãe — continuou a mesma voz — eu saio á noite e farei por arraquear alguma esmola á caridade deste povo. Não receie, não receie, minha querida mãe; ninguem se ha-le embarçar commigo... ninguem quererá tocar pelas vestes nojentas e esfarrapadas da pobre mendicante... eu sairei, e talvez que arranje com que passar o dia de amanhã....

— Não, não consentirei, não me abandonarás, por que de um momento a outro posso findar a existencia, e eu quero que estejas sempre junta de mim. Não importa; eu nada quero; sabes o que me custa? E' tu padeceres, quando melhor e mais bem talhada deveria ser a tua sorte! Mas Deus assim o quer... resignemo-nos, filha....

Nada mais se ouviu. Escutava-se apenas o respirar appressado e ansioso daquelles dois entes allí encerrados, e só por esta razão é que se poderia saber que Deus tinha allí collocado duas creaturas suas, destinadas a expiar grandes crimes, ou a soffrer grandes misérias e privações.

(Continua.)

P. J. Conceição.

TIO PAULO, OU A EDUCAÇÃO.

COMEDIA-DRAMA EM 2 ACTOS

Tradução do hespanhol por ***

(CONTINUAÇÃO.)

SCENA X.

BONLARD e GUSTAVO.

BONL. (conhecendo-o depois de o cumprimentar.)
Como! tu por aqui!

GUST. Adeus Bonlard!

BONL. Quem me diria a mim, que eu havia de vir aqui encontrar Gustavo d'Orsay, meu antigo condiscipulo?!...

GUST. Eu venho ver meu Tio, e tu que fazes neste povo? eu fazia-te n'algum julgado de Pariz. Não querias ser advogado? na verdade mostravas disposições para isso.

BONL. Dizes isso com respeito ao meu desenvolvimento. Has-de saber que elle é tambem muito preciso e util, tanto para o commercio, como para a justiça; e como eu tinha um bello agente de bolsa associeime com elle... Porem ainda me não disseste porque tinhas deixado Pariz. Um tio pobre; deve tambem ser pobre a razão por que um joven deixe á capital... Lambert disseme, haverá um mez, que te encontrou muito triste, e com effeito vejo que não se enganou: — que tens?

GUST. Nada.

BONL. Deves ser franco commigo. Acaso necessitas de dinheiro?

GUST. Não.

BONL. Pois se o necessitas não te dirijas a mais ninguem.

GUST. Agradeço o teu offerecimento; mas, tomas demasiado interesse...

BONL. Pelos amigos? Não ha tal. Os cinco por cento, e uma insignificancia pela commissão... Mas se te não falta dinheiro, falta-te alguma cousa. Vamos aposto que estás enamorado?

GUST. Calla-te, homem!

BONL. Aproxima-te. E quem é a pequena? Tem dote, ou herança provavel?

GUST. Tu estás louco!

BONL. Tu não m'o queres dizer? Pois eu o saberei. Ella deve ser desta terra e perguntado a qualquer... a Mr. Bernard, por exemplo.

GUST. Oh! Não, não por Deos!

BONL. Ah! Então é tua prima.

GUST. Silencio!

BONL. Descança que eu me callarei; mas has-de contar-me tudo.

GUST. Se eu nada tenho que contar! Eu mesmo não sei, nem o que quero, nem o que espero.

BONL. Não importa. Communicame as tuas duvidas. Tambem no commercio se entende d'amor.

GUST. Deixa-te d'asneiras!

BONL. Isto não são asneiras. Se vires que em alguma cousa posso servir-te, manda com franqueza. Querres que eu dê com o Pai os primeiros passos?

GUST. Ainda não estou n'esse caso.

BONL. Pois farei qualquer outra cousa!...

GUST. (que tem reflectido) Com effeito, tu és um homem muito esperto, e poderias indicar-me o modo de vencer a opposição de meu tio, o Conde de Sainval.

BONL. Então elle oppõe-se?

GUST. (olhando para a direita) Silencio! alguém vem... é minha prima. Adeus amigo, até á vista.

BONL. Entendo, entendo. Já saio. Vou concluir certo negocio, e esperarei por ti, ás duas horas no café da União.

GUST. Sim, sim. Mas safa-te. (Bonlard sae)

(CONTINUA.)

CORRESPONDENCIA.

Meu caro amigo.

Em additamento á minha d'hontem, tenho a dizer-te, para mais corroborar a minha asserção, de que «Portugal está muito a traz dessas nações civilisadas» que ha gente, e não pouca (alguma de não baixa esphera...) que se lembra e mesmo se chega a convencer, de que os nossos corpos, os corpos de quem fallece, são profanados, tirando-os da campa aonde estão depositados, e depois os levam para ser delles extrahido o gaz!... Chega a credulidade a tal ponto, que fázem espalhar a baléla, de serem os mesmos corpos applicados para delles se extrahir azeite! até dizem que já se encontra á venda este genero, filho d'uma tal substancia! Na verdade, os corpos humanos terem agora o privilegio d'azeitona!... Só na epocha actual, no seculo XIX é que dar-se podia semelhante innovação...

Meu amigo, que isto se dicesse, ou se imagina-se no interior do mais desconhecido sertão, aonde não chega, se quer, um vislumbre de luz civilisadora: ou mesmo, que isto se passa-se entre alguma fracção do povo dessa nossa patria, ahí, que parte da gente é biata e mesmo sebastianista, pois que já igualmente fez correr a mesma parvoíce, que aqui, segundo noticiou ha tempos o teu jornal, alguma desculpa teria; mas aqui, na segunda capital do reino.... custa a crer e mesmo a persuadir que se tente espalhar, quanto mais fazer correr impavida e cheia de garbo a nova que inventaram, e que tanto riso e escarneo provoca a todo aquelle, que já não tem os olhos vendados por teias d'aranha...

Mas se é um nunca acabar de factos iguaes a estes, e que tanta força dão a tudo que ousa descrever! Finalmente estamos no seculo das luzes, e o povo cada vez mais retrogrado. Portugal, foi, é, e sempre será Portugal. Qualquer outra Nação, será sempre o «estrangeiro» como o comprovam muitos casos, alem do que mais passarei a expor.

Appareceu aqui ha pouco uma hespanhola, a que deram o nome de «joven» e poseram o titulo de «phenomeno». Annunciou-se a sua exposição e correu a ella muita gente, para admirar o que tanto se engrandecia. Diziam ser côta em toda a extensão da palavra; que cozia, fazia renda, bordava, e se penteava, tudo isto feito com o pé esquerdo e ajudado pelo braço, que diziam ser côto: igualmente que escrevia com a boca.

Eu que não quiz passar por misanthropo, nem mesmo tornar-me saliente e reparado, dispuz-me a fazer parte da pasmaccira, e lá fui embruhado no meu gabão, e de queixos tapados por cau-

sa dos mãos ares, vêr a sobre-dila-cuja (o phenomeno tão atrevidamente inculcado). O que logo admirei, foi a grande mudança que havia, pois que, mediante tão pouco tempo, se apresentou, uma mulher dos seus 30 annos, quando a annunciavam, dias antes, joven ainda. Passando a observar os seus trabalhos *artísticos*, pouco ou nada me surpreendeu. Se ella não tivesse, como tem, dous dedos na mão do braço que chamam côto, e que este não fosse ajudado pelo pé esquerdo, ou este por aquelle, como assim acontece, na execução dos seus trabalhos, ainda eu exclamaria «que grande prodigio d'habilidade!» mas assim... tão somente direi «que estudo não fez a astuciosa mulher, ou que pratica não teve, para se dispor á seducção e ao engano!» Em fim, é estrangeira. Basta dizer-se pois isto. Maldicta mania esta dos portuguezes, que só admiram as obras estrangeiras, e tanto desprezam as suas!...

A tal hespanhola para ahí foi. Aos meus patricios a recommendo, pois que devem ir visita-la e deixar-lhe a sua placa, como eu fiz.

Agora é que eu digo que essa cidade vae civilisar-se. E bom será, para que não se diga, que Guimarães, o berço da Monarchia, a terra que devia ostentar maior grandeza, e mesmo elevar-se acima de muitas outras cidades, é uma terra obscura, sem nome, sem vida, sem acção alguma e toda entregue somente á hypocrisia, ao idealismo e ao sacrificio das vidas particulares. Agora, sim, é que Guimarães se vai tornar uma terra das primeiras da nossa côte. Já estão em exercicio as diligencias. D'aqui a pouco começam as malas-postas, por conseguinte o Porto, todas as mais terras, que busquem communicar-se, com esta, e mesmo o estrangeiro, tudo não tarda a ir visitar a terra de D. Affonso Henriques.

Falta pois uma cousa agora, e é, que os nossos patricios devem por si mesmo estudarem os meios mais faceis e proficuos para mais nobilitarem a nossa patria. Estabeleçam, por tanto, alem de tudo, associações. Após estas disponham de parte das suas fortunas. Ajudem a lavoura, as artes e o commercio. Observem em tudo e por tudo o estrangeiro, e já mesmo algumas outras terras deste nosso Portugal. Dêem o maior e o mais rapido incremento a tudo isto, que depois laureada terão a frente, com a resplandecente corôa da civilisação, do amor patrio e da grandeza, que por tal forma ha-de mostrar-se no seio da nossa terra natal.

São estes os meus votos. Oxalá que os meus patricios partilhem iguaes sentimentos.

Desculpa a massada, e o leitor que a soffra com paciencia.

Teu do C.

Porto 11 de Maio.

José T. Guimarães.

SECÇÃO NOTICIOSA.

Errata. — No n.º 7, quarta pagina e linhas 12, onde se lê — A' sua espada deve Portugal muitos e relevantes serviços, pois que foi elle um dos valentes, & &. — deve ler-se — A' sua espada deve Portugal muitos e relevantes serviços pois que foi ella uma das valentes & &.

Communhão — Teve lugar no domingo, na freguezia de S. Miguel de Creixomil, a communhão geral aos meninos da mesma. As meninas hiam todas de vestidos brancos, o que tornava este acto mais brilhante.

Theatro. — Representou-se no domingo o — Lago de Fitas, e a Apparição a D. Affonso Henriques. — A 1.ª peça agradou, e a 2.ª agradou e desagradou; a maioria da platea applaudia e chamava fora, e a minoria (que talvez não excedesse o numero de seis) dava palçada!!!...

Cavallinhos. — Está nesta cidade a companhia equestre gymnastica e acrobatica, debaixo da direcção do sr Luiz Pereira. Já deram duas funcções. Os artistas trabalham bem.

Festividade. — No domingo teve lugar a festividade de S. Torquato. A concorrência do povo, desta cidade, aldeias vizinhas, e mesmo de longe, foi grande.

Polido. — Aos ill.^{mos} surs. assignantes, pede-se o obsequio de mandarem saptisfazer as suas assignaturas, pois que, este jornal, apesar de pequeno, tem despezas certas a que é necessario occorrer.

ANNUNCIOS.

NOVA AULA D'INSTRUÇÃO PRIMARIA.

7 **V**AE abrir-se no dia 23 do corrente, na rua d'Alcobaça n.º 1, uma aula d'Instrução Primaria, na qual se admittem todos os alumnos que pertendam frequentar este ramo scientifico.

6 **P**ELO Cartorio do Escrivão Lobão, do Julgado da Povoia de Lanhoso, tem de se arrematar em praça no dia 31 de Maio do corrente anno de 1860, a linda quinta de Berredo na freguezia de Geraz, a da Lama na freguezia de

Ferreiros, e juntamente varios feros no dominio directo e censiticos, e differentes propriedades na freguezia de Serzedello, pertencente tudo a João Antonio Vieira Serzedello e Irmã, da Cidade de Lisboa; por deliberação do competente Conselho de Familia, o que se faz publico para que os pertendentes compareçam no indicado dia.

THEATRO DE D. AFFONSO HENRIQUES.

TERÇA FEIRA 22 DE MAIO.

Penultima recita nesta cidade, em beneficio do cofre do monte-pio da Sociedade e do 1.º Galá José Joaquim da Silva.

A primeira representação do romantico, popular e apparatuso Drama em 5 actos, original portuguez, de grande espectaculo do nosso sublime e monravei poeta, e escriptor Dramatico Visconde d'Almeida Garrett:

O ALFAGEME DE SANTAREM,

OU

A Espada do Condestavel.

Ornado de 19 peças de musica, do bem conhecido maestro Pinto.

TITULOS DOS ACTOS.

1.º *O Alfageme* — 2.º *O Mercado* — 3.º *A Espada do Condestavel* — 4.º *A Partida* — 5.º *A Victoria.*

E' esta portanto a peça, toda de exemplos de moralidade, de que a companhia lançou mão para dar a sua penultima recita, na firme convicção da continuação do seu bom acolhimento.

Principia ás 9 horas.

2 **N**a rua da Caldeiroa n.º 33 vende-se vinagre bom, a 40 reis o quartilho.

GUIMARÃES,

Typ de Francisco José Monteiro,
Rua da Caldeiroa n.º 32.